



pantera
VULGAR DISPLAY OF POWER

recontado por
CARL HETFIELD

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

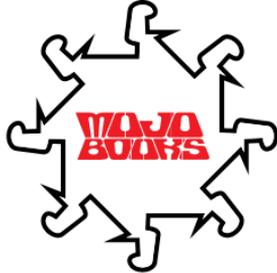
Danilo Corci
organizador



VOLUME 49

VULGAR DISPLAY OF POWER
pantera

recontado por **CARL HETFIELD**



VOLUME 49

VULGAR DISPLAY OF POWER **pantera**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Novembro de 2007

SAINDO PARA GUERRA

Apago o cigarro e ponho a guitarra de lado. Já são sete e meia da noite, tenho de trabalhar. Entro no meu Mustang 69. Eu adoro este carro, ele chama atenção. Eu sei que não deveria, mas gosto de chamar atenção, meu estilo é esse e não consigo mudar.

Já se foram três semanas neste apartamento alugado, todos os dias esperando na janela, meu ódio sempre aumentando. O serviço? “Farmacêutico.” É como eu o conheço, o desgraçado já mandou mais jovens pra cadeia e pro cemitério com suas drogas sintéticas do que eu posso contar. Eu gosto deste tipo de serviço, esses caras fazem meu sangue correr.

Espero pacientemente e finalmente ele está sozinho. Não gosto de trabalhar tão longe, mas é a única forma de pegar esse maldito. Ele sempre tem muita segurança em sua volta. Finalmente ele parece perto, coloco aquela cabeça careca na minha lente. Pff! Só preciso de um tiro, comprei este rifle especialmente para este trabalho. Vale a pena. Da cabeça só restam os pedaços na parede, novamente meu ódio pela escória traz



VULGAR DISPLAY
OF POWER

resultados. Agora é esperar a poeira baixar e ir embora mais uma vez. Em qual bolso coloquei o maldito cigarro? Pronto, achei. Agora posso esperar.



UM NOVO PATAMAR

Minha vida não foi como eu gostaria. Queria ser músico mas não consegui. Queria ser adorado e falhei. Na verdade, cai no ostracismo, ignorado. Invejado algumas vezes pelos meus talentos, o que me fez odiar as pessoas, odiar a maioria dos seres humanos. Então encontrei o Rex e ele me deu o emprego dos sonhos: me livrar das pessoas e ainda ser pago pra isso.

Não gosto do passado, ele nunca me parece interessante. Prefiro o presente, ele se mostra mais amistoso. Amigos? Dois. Anselmo e Diamond, que conheci nesta profissão. O Anselmo é um cara mais extrovertido e um pouco descuidado. Diamond é um profissional perfeito, sempre sabe o que fazer, nunca deixa rastros, mas não falo com ele há tempos. Depois de um serviço com um político, o tempo fechou pro lado dele, ninguém sabe onde ele anda.

Toca o celular, o Rex quer falar comigo.

— Pode falar.

— O serviço é pra hoje. Tem um envelope na portaria pra você com a foto e endereço.



VULGAR DISPLAY
OF POWER

— Quanto?

— Dez mil.

— Mas por que a pressa? Preciso de um tempo para organizar as coisas, você sabe disso!

— Os sócios dele precisam dele morto agora, ou não querem o serviço. Um deles é amigo meu...

— Então vou tomar isso como um desafio, e um favor a você.

— Ok Donnie, vou ficar te devendo essa.

(Nossa, eu sou realmente prepotente, o cara me deu tudo nessa vida... Mas pelo menos ele tem um bom senso de humor, então amenizo a conversa e aceito o trabalho.)

— Até hoje quem deve coisas sou eu, então pode colocar na minha conta.

— Hehehe, tá bom, vou descontar do que você anda devendo.

— Feito.

Na portaria, um envelope escrito “Armadilha”. O cara da foto eu conheço, um banqueiro falido que ferrou com tudo e saiu cheio de grana, e os antigos sócios não gostaram muito da idéia pelo que parece. O lugar é um restaurante japonês do outro lado da cidade.

Coloco meu sobretudo. Ando de preto desde a adolescência, sempre gostei da cor e hoje em dia me ajuda a não parecer sujo



depois do trabalho. Odeio ficar sujo. Vou levar minha Benelli calibre 12, acordei de mau humor, quero fazer estrago.

Estaciono longe pra não chamar muita atenção. Espero ele sair. Um cara de uns cinqüenta anos, gordo, com uma loira que eu não acreditei quando vi. Coisas que só o dinheiro faz por você. Sigo o cara. Ele entra num motel chique, e eu entro logo atrás. Já vi o quarto onde ele está. Os motéis caros dessa cidade têm uma característica que eu adoro: isolamento acústico. Um tiro parece um tapa na bunda quando se está no quarto ao lado, afinal os ricos querem privacidade. Espero vinte minutos no meu quarto, tempo suficiente para ele ficar desprevenido e abro a tranca do portão com cuidado. A porta do quarto está destrancada. Como gosto de entradas triunfais, já abro a porta e saco a Benelli de uma vez. A loira dá um grito.

— Shhh! Não quero nem um pio!

Os dois ficam deitados, pelados, lado a lado na cama, olhos arregalados.

— Olha, seus sócios não gostaram muito do seu truque no banco.

Os olhos dele ficam vidrados na ponta do cano, o suor escorre na sua testa enquanto uma lágrima e um soluço são a única reação da mulher, que por sinal está me distraindo - que corpo!



— É cara, como se sente agora que está sem sorte?

Miro no peito dele, e dou o tiro sem pensar muito. O barulho até que é grande, mas não maior do que o buraco que ficou naquele cara. Dá pra ver as vísceras se espalhando pela cama. A loira olha em choque pra ele enquanto fecha as pernas com força. Que tipo de cara ela pensa que eu sou? Ela pensa que vai ser estuprada, e isso piora meu humor já péssimo, me sinto ofendido.

— Você me parece muito vaidosa, meus parabéns. Mas escolheu o cara errado para transar. E só para esclarecer, eu sou um cara com princípios, então pode relaxar essas coxas.

Não quero estragar a loira, então pego a Magnum silenciada que carrego sempre como segunda opção e acerto-a no meio da testa, o buraco até que é grande, mas ainda dá pra ver o rosto. Pronto, menos um escroto no mundo e menos uma biscate. Pego meu carro, pago o motel, acendo um cigarro no primeiro farol e volto pra casa. Hoje ninguém me menospreza, afinal, ninguém menospreza um cara que aponta uma calibre 12 pro seu peito.



CAMINHADA

Nos dias de folga gosto de andar à noite por umas ruas escuras perto de casa, isso me ajuda a pensar. Logo percebo que estou sendo seguido. Me preparo para o pior, mas uma voz me deixa tranqüilo, era Anselmo.

Ele me parece muito esquisito, então fico com um pé atrás. Começa a me enrolar, dizendo que tinha feito um serviço que não tinha dado certo. Mas ele sempre foi um péssimo mentiroso. Sem que ele percebesse preparo a Magnum no bolso, você aprende a desconfiar até da sombra nesse ramo. Ele continua falando até que comete um descuido, o de puxar a arma e deixá-la presa. Sorte minha, atiro logo na perna dele.

— Quem mandou você aqui?

— Era um serviço cara, eu sabia que não devia ter aceitado. Ah, minha perna! Tem uns caras atrás de você, nem estão pagando muito, é alguma vingança.

Ele fica estendido no chão, tire a arma dele e piso no seu pescoço.

— Grande amigo, você.



— Por favor, não!

Ele sempre foi um covarde, pego-o pelo cabelo e bato a cabeça dele na calçada com força. Estou com muita raiva. Depois dou três tiros no peito, deixo-o lá, o traidor. Eu sabia que algum dia ele ia aprontar uma dessas, nunca confiei muito no cara. Fico olhando o sangue dele escorrer um pouco enquanto ele tosse, o sangue começa a sair pela boca, aquilo me acalma um pouco. Viro as costas e vou pra casa, aquele rato estragou meu dia de folga.



HOSTILIDADE À FLOR DA PELE

Mais um serviço, mais trinta mil. Desta vez vai ser divertido, vou pegar um cara famoso. Ele gosta de fazer discursos inflamados, na verdade é um líder prolixo para massas incultas. Detesto esse cara há bastante tempo. Ele cativa multidões com palavras vazias, promessas ocas. Já foi eleito algumas vezes, mas agora está afastado, codinome “Senador”. Mora com a esposa e dois filhos, que estão no exterior. Então, ele está sozinho. Vou invadir e ver no que dá.

Lá está ele em seu escritório, cercado de madeiras nobres. Entro de uma vez.

— Quem é você?

— Seu pior pesadelo.

Ah, eu sempre quis dizer isso. Ele se levanta e vem em minha direção. Um alemão de uns dois metros, mais alto e mais forte do que eu.

— Como entrou aqui?

— Não te interessa, e por que tantas perguntas?

— Saia já daqui, vou chamar a polícia!



Ele deve estar brincando comigo. Saco a Benelli e ele pula em mim tentando tirar a arma das minhas mãos. Fico puto. Enquanto caio, vejo seus diplomas na parede. O cara estudou bastante. Eu também estudei, fiz faculdade, mas não fico me gabando disso. Sinto minhas costas baterem no chão com o peso daquele cara em cima de mim. Bato com a coronha na testa dele, e enquanto ele está tonto, consigo me levantar.

— Que droga! Você rasgou minha roupa, seu merda!

Eu já nem penso no dinheiro, quero é acabar com o cara. Ele está abaixado. Dou uma joelhada no nariz dele, mesmo assim o desgraçado não cai. Na verdade tenta partir pra cima de mim de novo, mas agora eu estou esperto, então leva outra coronhada. Ele sangra pelo nariz e pela sobrancelha esquerda aberta, e eu estou realmente furioso. Chuto o estômago dele — finalmente o cara cai. Deito sobre ele e começo a bater, minha mão dói depois de dar tantos socos. Naquela hora ele representa todas as pessoas que eu detesto. Dou uma última coronhada, levanto e estouro a cabeça dele. O cara me tirou do sério, e isso não é tarefa fácil. Sento em sua cadeira confortável por alguns minutos até me acalmar, não gosto de dirigir irritado. Acendo um cigarro, passo por cima do corpo e vou pra casa com sentimento do dever cumprido e uma tremenda dor nas costelas.



AMOR

Duas semanas seguindo a “Pantera”, uma ruiva espetacular, um corpo perfeito, olhos verdes, mas solitária. Herdeira de uma fortuna, anda sem seguranças, na verdade sem ninguém. Todos os dias senta-se sozinha na mesma mesa de um bar. Só tem um problema, não consigo tirá-la da cabeça. Ela me persegue desde que vi sua foto naquele envelope. Acho que estou cometendo um erro, talvez esteja me apaixonando.

Chega o dia, sexta feira. Deixo o equipamento no carro e entro no bar. Percebo que ela me olha. Isso vai facilitar muito as coisas.

— Oi, com licença, não pude deixar de reparar que você é a mulher mais bonita que já vi.

Ela sorri. Não a tinha visto sorrir antes, dentes perfeitos e brancos, envoltos em lábios carnudos. Quero colocar minha língua ali.

— Obrigada, você também não é nada mal.

— Posso me sentar?

Seu nome, Natasha, sua voz, hipnótica. Não consigo prestar



atenção em mais nada, ela exala um perfume doce e suave, muito sensual. Conversamos por algumas horas e depois a levo pra casa. Nem mesmo eu estou me entendendo. Ela está fácil, mas não consigo fazer o serviço. Ao invés disso, começo a sair com ela mais vezes.

Rex começa a me pressionar e eu começo a mentir pra ele. O cara me tirou do buraco e me deu uma oportunidade na vida, mas Natasha me faz mentir pra ele. Não sei o que tem essa mulher. É assim durante quase vinte dias, eu a vejo todos os dias e digo pro Rex que ela é escorregadia demais.

Eu estou realmente amando. Ela é como eu, não tem ninguém. Amargurada e mesmo assim mantém a cabeça erguida. Natasha gosta de fazer perguntas e de certa forma eu gosto de responder.

— Família?

— Não tenho.

— Amigos?

— Só um, mas está longe.

— Eu também não tenho ninguém, na verdade agora tenho você.

Essas palavras entram na minha cabeça como uma bala de 45, eu posso até sentir meu cérebro grudando na parede atrás



de mim. Como posso pensar em matá-la? Como? Mas não tenho muita escolha, é o que tenho de fazer.

Chega o dia. Faço todos os preparativos, coloco o equipamento no carro, volto pra tomar um banho e choro. Não me lembro da última vez que chorei, mas fico lá, chorando. Aquilo dói demais, é quase insuportável. Penso em trocar a vida dela pela minha. “Espera um pouco, eu estou ficando louco”, um pensamento idiota desses não faz nem sentido. Termino meu banho e vou ao encontro dela.

Ela está mais bonita do que de costume num vestido vermelho mostrando todas as suas curvas, maquiagem impecável e aquele perfume. Saímos e depois voltamos para a casa dela. Depois de um pouco de conversa, vamos pro quarto, eu sei que aquela é a última vez, e parece que ela também.

Ela tira o vestido e mostra o corpo nu, pescoço alongado, seios fartos e empinados, no umbigo um piercing, coxas não muito grossas e pés delicados. Com algum esforço, passo a me concentrar no que estou vendo e consigo esquecer o que vou fazer logo depois. Ela se deita.

— Vem. Hoje eu sinto algo especial no ar, vai ser inesquecível.

Deito por cima dela e lambo todo o seu corpo. Quero aprovei-



tar cada segundo, suas pernas na minha cintura, seus olhos nos meus olhos, suas unhas cravadas nas minhas costas. Depois ela vira de costas e deixa visível a tatuagem de pantera que eu adoro. Continuamos até a manhã. Eu estou exausto, ela também. Uma lágrima escorre do meu rosto e vou pegar a Magnum. Quando volto para o quarto, ela está sentada na cama. Seu olhar é sereno, mesmo quando vê a arma.

— Isto é para mim?

Eu quase não consigo falar.

— Infelizmente, sim.

— Vai doer?

— Não.

— Tudo bem, mas você vai me beijar enquanto faz isso.

Eu estou gelado e tremendo, nunca vi alguém aceitar a morte desta forma. Começo a beijá-la enquanto lentamente encosto o cano em sua cabeça, meu dedo não pára no gatilho. Por um segundo acho que não conseguirei, então ela morde meu lábio e diz:

— Atira!

“Pff!” Seu corpo cai pra trás, seus olhos fechados. Eu fico ali parado, as lágrimas escorrem e eu não consigo me mover. Fico olhando pra ela, a pessoa que eu amei e matei. O sangue começa a escorrer manchando os lençóis caros. Está feito e eu me preocupo



em não pensar muito nisso.

Trato de me recompor e ligo pro Rex.

— Está feito.

— Finalmente.

— Eu disse que ela era escorregadia.



LEVANTAR

Cinco da manhã e eu aqui agachado no meio do mato. Como eu detesto esse tipo de coisa, por que esse idiota tem de ter uma casa de campo? Finalmente o carro sai, agora ele só volta na hora do almoço. “Sangue” estava escrito no envelope dele, era um assassino, um terrorista na verdade. O cara explodiu uma escola, eu estava com muita vontade de acertar as contas com ele.

Uma casa simples, nada chamava a atenção tirando aquele calombo esquisito no tapete. Um porão, tenho de ver. Lugar estranho cheio de fitas de vídeo, uma televisão e um videocassete. Nas fitas, eu encontro o que não queria, são fitas de violência, estupros, pedofilia, o cara é doente!

Uma porta me revela uma espécie de sala de torturas. Dois cadáveres de mulheres jovens amarrados em cadeiras, uma com dedos faltando em uma mão e sem um braço, a outra tem a cabeça pendurada pela espinha. Já vi muita coisa bizarra nessa vida, mas esse cara merece um troféu. Tem um cheiro horrível, elas devem estar lá há dias, há muito sangue seco espalhado no chão. Eu realmente vou gostar de acabar com esse maníaco.



Escondo-me no quarto e espero pelo barulho do carro, é só ele entrar. Quando ele entra, olho fixamente nos olhos dele.

— Você é doente, você me faz odiar ainda mais a Humanidade.

Saco a Benelli e atiro no joelho dele. É demais. A parte de baixo da perna vai parar na porta, ele fica no chão gritando.

— Você realmente merece sofrer muito.

Piso na mão dele e dou um tiro no cotovelo, outra amputação. O cara esguicha sangue, puxo uma cadeira e fico assistindo até que ele pára de se contorcer. Esse é um dos dias que faz minha vida valer a pena.



NADA BOM (ATAcando RADICAIS)

- Donnie?
- Sim, quem é?
- O infiltrado. Está na hora.
- Estou chegando.

Trabalho diferente, seis mil. Normalmente nem saio da cama por menos de dez, porém esse é o líder de um grupo neonazista, vale a pena pelo esporte. “Radical”, o cara já tinha mandado matar mais de seis dúzias de pessoas: negros, homossexuais, judeus. Ele merece o troco.

Uma casa comum num bairro de classe média é o covil dele, o trabalho tem de ser discreto ou então a polícia aparece antes mesmo de eu colocar a arma de volta no bolso.

O infiltrado me espera do lado de fora.

- Estão todos dormindo, teve uma tremenda festa hoje.
- Quantos?
- São seis, dois estão dormindo na sala, tem um cara totalmente chapado no banheiro, dois num quarto e o Radical está no outro.

— Beleza, melhor você sumir, os amigos dele vão procurar você.

— Eu sei, a porta está aberta.

— Valeu.

O que a casa tinha de normal por fora, tinha de pirada por dentro. Fotos do Hitler, campos de extermínio e bandeiras nazistas decoram as paredes. Na sala, está todo mundo nu, os dois caras e sete moças loiras. No chão, uma infinidade de garrafas e drogas, realmente foi *a hell of a party*.

Tenho um objetivo secundário desta vez, não posso matar mais ninguém além do alvo. Os amigos dele têm de ficar em pânico e eu tenho de ficar bem quietinho.

No andar de cima, o cara no banheiro está dormindo no próprio vômito, quanta classe. No primeiro quarto estão os outros dois e mais quatro loiras. Onde eles conseguem tantas loiras?

A última porta do corredor, um quarto maior, e o cara dormindo de bruços. Agora está fácil, acerto a cabeça dele e saio daqui. Chego bem perto, tinha sangue na cama. Hein?! Levanto a cabeça dele, um furo na testa, e o pior: ESTE NÃO É O CARA!

Só deu tempo de me jogar no chão e ouvir o tiro. O segundo tiro acerta meu braço esquerdo. Legal, uma emboscada! Rolo logo pra baixo da cama, porra, como levar um tiro dói! Esse é o



segundo que levo na vida e acho que não quero me acostumar com a sensação. Pronto, um segundo pra pensar. Ouço os passos e vejo os pés do cara, se ferrou. “Pff”. Bem na canela e ainda deixa a arma cair.

— Seu desgraçado, agora você vai sentar no colo do capeta!

Três tiros na cabeça do idiota e tenho de sair correndo de lá antes que a polícia chegue. O que não demora, pois encontro com duas viaturas dois quarteirões mais adiante. Pelo menos os colegas idiotas dele estavam tão chapados que não acordaram nem com os tiros. Só uma loira no quarto levantou meio zonzá, levou uma coronhada no nariz e foi dormir de novo.

— Rex!

— O que foi?

— Aquele infiltrado filho da puta armou pra mim!

— Certo, o pior é que era um cara de confiança, mas vamos cuidar dele. Você tá legal?

— O safado acertou meu braço. Vou ver aquele médico nosso conhecido.

— Ok, vou ligar pra ele e deixar avisado.

— Obrigado.

SAINDO DO BURACO

Mais um dia de folga deitado na cama de cueca, assisto televisão. Detesto televisão mas é o melhor que tenho pra fazer enquanto limpo minhas armas. Na minha perna, a marca do primeiro tiro que levei. Foi assim que conheci o Diamond.

Era meu primeiro trabalho, três mil. Nada mal pra um primeiro trabalho. Nada complicado, um advogado. Naquela época eu andava de ônibus e usava terno. Tentava não chamar atenção, meu equipamento era uma 9 mm que o Rex me dera.

“Justiceiro”, o cara trabalhava tirando bandidos da cadeia. Foi quando eu descobri que iria odiar todos os meus alvos, ou quase todos, por um motivo ou outro. O ódio é um ótimo combustível, logo eu descobriria outro.

Chegando ao lugar, um restaurante do qual o alvo era sócio, comecei a suar frio. Como seria matar alguém? Será que vou conseguir? Minha boca ficou seca e eu tremia muito, estava com medo, mais medo do que já sentira em toda a vida. Entrei pelos fundos depois que o lugar já tinha fechado. Eu tinha a informação que ele ficava lá analisando documentos.



Entrei devagar e procurei meu caminho. Primeiro pela cozinha, meu coração parecia que ia saltar fora do peito. Entrei na sala de jantar e estava tudo vazio, as cadeiras sobre as mesas e um silêncio que me deixou ainda mais assustado. Tinha de encontrar o escritório.

Puxei a arma e tentei me preparar. Subi a escada estreita até o escritório, ouvi o barulho do cara digitando alguma coisa e vi a luz de um monitor, ele estava de costas para mim, mas não conseguia mirar em nenhum ponto vital. Minhas pernas não responderam até que um choque de adrenalina me colocou no lugar. Naquele instante me tornei outra pessoa, fiquei determinado e motivado, sabia o que tinha de fazer e não ia deixar o cara escapar.

Entrei devagar, mas com confiança. Porém eu não sabia que ali havia um espelho. Ele me viu. Num movimento só, ele levantou, puxou um 38 e atirou sem mirar. Consegui pular pra trás, a bala entrou bem no alto da minha perna. Nossa aquilo queimava. Naquele momento o medo voltou, tinha medo de morrer e, pior, de morrer sozinho. Ninguém podia me ajudar.

O cara andou na minha direção devagar, mirou a arma na minha cabeça e eu senti minha carreira acabar antes mesmo de começar. Ele parou, eu ouvi o tiro. Espera, quando a gente morre dá para ouvir o tiro? Um segundo depois senti o cara cair

em cima de mim e o sangue dele se espalhar no meu rosto. Tá, agora não entendi nada, tirei o cara pro lado e olhei pro alto. Vi um homem se aproximando, cabeludo, uma barba comprida pintada de roxo.

— Como vai?

— Quem é você?

— Prazer, Diamond. O Rex me mandou aqui pra ver o que ia acontecer, normalmente os primeiros trabalhos dão errado.

Eu fiquei tão aliviado que quase esqueci a dor. O cara salvou minha vida.

— Essa perna não parece legal, ele quase acerta sua femoral.

— Aí eu tava fodido, né?

— Certeza.

Ele riu enquanto me ajudava a levantar, me escorei nele e fui pra casa. Esse se tornou um amigo para sempre, eu também o ajudei em horas difíceis. Mas dever sua vida a alguém é algo muito profundo. Queria saber por onde ele anda.



PESSOAS NORMAIS

Coisas engraçadas acontecem comigo. Numa rua escura, um cara pára na janela do meu carro.

— Vai! Desce! Quero o carro! O carro, porra! Ou estouro sua cabeça!

Dois coisas passam pela minha cabeça: será que ele pensa que é a primeira vez que apontam uma arma pra mim? E o mais divertido, na verdade, é a primeira vez que me apontam uma arma de plástico.

— Tá bom cara, não fica irritado, não vai fazer uma besteira, pode levar o carro.

Desço do carro devagar e enquanto ele entra, dou um tiro nas costas dele. Nenhum lugar vital, ainda tenho que me divertir.

Pessoas normais seriam humilhadas por um merda desses, teriam seu carro roubado, ficariam à mercê de um cara sem escrúpulos, sem decência, sem moral. Por isso gosto de quem eu sou, podem dizer que eu tenho uma forma vulgar de demonstrar poder, mas eu chamo de Justiça. A Justiça oficial não funciona, é lenta, burocrática, estagnada. Minha Justiça é rápida, seca, é

como um soco na cara, é osso batendo contra osso, é a Justiça dos deuses.

— E agora? Eu atirei em você! O que você acha disso?

— Por favor, não me mata, eu preciso do dinheiro.

Depois disso começa uma história sobre ajudar a mãe e os irmãos, mas eu não presto muita atenção, não me interessa. Se quer ajudar alguém, vai trabalhar. Ele quer dinheiro fácil, acho que todo mundo quer. Mas um pulha desses resolve colocar a mão na massa e conseguir, isso me deixa realmente irado. Decido ensinar uma lição a ele.

— Olha, vou fazer uma coisa, vou te ajudar, assim você vai sair dessa vida de roubos.

Arrasto o cara até a guia, com a arma apontada para a cabeça dele, não há resistência. Pacientemente coloco um braço dele estendido, apoiado na calçada e na rua e com meu calcanhar quebro seu cotovelo. Ele dá um belo grito junto com o estalo. Repito o procedimento no outro braço e as duas pernas. Os joelhos dão mais trabalho, preciso pisar duas vezes no direito e três no esquerdo até quebrar mesmo.

— Pronto, não vou te matar, mas agora você vai pensar duas vezes antes de roubar outro carro, seu merda.

Ainda faço a gentileza de chamar uma ambulância antes de



entrar no carro. Realmente não quero que o cara morra, quero que ele lembre por toda vida do encontro que teve com a Justiça Verdadeira.



GUIADO POR DEMÔNIOS

“Língua”, o cara falava demais e alguém precisava fazê-lo calar. É aí que eu entro.

Um prédio quase em ruínas num dos bairros mais pobres da cidade, um lugar barra-pesada. Subindo as escadas, sinto cheiro de urina e alho, uma combinação horrorosa. Por portas entreabertas, vejo senhoras gordas desperdiçando o que resta de suas vidas na frente da televisão e crianças brincando com pedaços de madeira podre tirados do lixo. A pobreza é uma das coisas que mais me assusta, me deixa nauseado. Não sei bem por que, mas me faz muito mal saber que existem pessoas nessa situação.

A última porta no quarto andar está aberta, ouço uma música, “White room”, do Eric Clapton — o cara pelo menos tem bom gosto. O apartamento parece um pouco melhor que os outros, mas está bastante bagunçado. No sofá está o alvo, magro feito um esqueleto, pálido, camisa desbotada, jeans e um tênis velho. Várias seringas do lado dele, o cara está mais chapado que o Joe Cocker quando cantou “With a little help from my friends” em Woodstock.



— Jesus? É você? Você anda de preto?

— Cara, eu não sou Jesus. Você está muito doido.

— Desculpa, estou esperando Jesus, ele vai me libertar.

Fico intrigado pela figura, puxo uma cadeira e começo a conversar com ele. Ele me diz que a vida toda foi perseguido por demônios. Demônios o fizeram matar, roubar, violentar. Os demônios só vão embora quando ele está chapado.

— Mas você está esperando Jesus?

— Sim, Ele apareceu! Num sonho! Disse que vem me buscar hoje, e que o pesadelo vai acabar.

Confesso que fico com pena do cara. Ele vive nessa droga de lugar, vende informações a troco de quase nada pra comprar mais drogas e fugir por algum tempo da dor que a realidade traz. Talvez um psiquiatra melhorasse a vida dele, ou talvez o levasse mais fundo, não sei ao certo. Mas fico ali observando enquanto ele espera ansiosamente Jesus passar pela porta.

— Vou te contar um segredo — eu digo.

— Pode falar, sou ótimo para guardar segredos.

Claro, até que alguém resolva pagar por eles...

— Eu sou Jesus. Seu Jesus particular, e vim te buscar.

— Nossa, nem acredito que você chegou!

Dá pra ver a alegria nos olhos dele, puxo a arma e faço a melhor coisa que já aconteceu na vida dele, o fim.



VULGAR DISPLAY
OF POWER

VAZIO

Tem dias em que você acorda com uma sensação ruim, e esse é um deles.

Há algum tempo eu sinto uma depressão. Parece que tudo o que eu faço está errado, sinto vontade de morrer. É idiota, mas eu sinto, e não sei mais o que fazer.

Tudo parece nublado e lento, fora do lugar. As roupas incomodam, quase machucam a pele. A imagem no espelho fica distorcida, o ar parece fugir dos pulmões. O maldito celular toca:

— Donnie?

— Sou eu.

— Rita Haney. Lembra de mim?

— Claro, pode falar.

— Preciso que você venha me ver. É importante, é sobre o Diamond.

— Ok.

Eu tinha visto Rita uma vez. Ela é namorada do Diamond há bastante tempo, sei que são notícias ruins.

No apartamento dela quem abre a porta é a sombra da

garota que eu tinha conhecido. Ao invés da morena exuberante e sorridente, ali está uma moça cansada e abatida, com olhos vermelhos.

— Nossa! O que aconteceu com você?

— Comigo nada. O problema é o que aconteceu com ele.

Ela me leva até o quarto e eu vejo a cena mais triste da minha vida. Meu amigo de barba roxa, respirando por uma máquina, imóvel. E o que antes eram quase cento e vinte quilos de músculos agora são pele e osso.

— Eles o acharam.

Ela começa a chorar. Explica-me que ele foi baleado e seu coração parou. Depois só restou esse coma (na verdade, um estado vegetativo permanente), e mesmo se ele acordasse, teria sérias seqüelas.

— Ele deixou isso pra você.

Que ironia, um envelope. “Donnie” do lado de fora, estranho ver um envelope com o meu nome.

“É parceiro, este envelope não tem foto nem endereço, nem mesmo uma recompensa. Você sabe que as coisas estão ruins para mim, e eu sinto que eles estão chegando perto. Preciso da sua ajuda, se alguma coisa acontecer comigo - e sendo realista, eu acho que vai - prometa que vai cuidar da Rita, ela está grávida.



Coloque-a em local seguro e garanta que ela tenha tudo o que precisar. Estarei sempre ao seu lado pra limpar sua bagunça. Abraço do seu irmão Diamond Darrell.”

Uma coisa fica clara para mim. Mesmo de longe ele sempre esteve ao meu lado. Naquele meu primeiro serviço ele estava lá para evitar que eu morresse. Eu sempre tive uma desconfiança que alguém, em meus momentos mais difíceis, estava por perto para me ajudar... Agora a mesa virou e quem precisa de mim é Diamond.

Eu não acredito, é a segunda vez que o cara salva minha vida. E dessa vez ele fez isso sem nem poder respirar sozinho. Vou fazer o que ele pediu com certeza, mas antes tenho uma coisa importante para fazer.

- Rita, arruma suas coisas e me espera na sala.
- O que você vai fazer?
- Dar o fim que ele merece.

Ela balança a cabeça, coloca algumas roupas numa mala e sai.

Fico alguns minutos conversando com ele. Não sei se ele me ouviu ou não, mas posso agradecer por tudo e posso me despedir antes de sacar a Magnum, mirar na cabeça dele e puxar o gatilho. Sei que é isso que ele gostaria, uma morte digna de um guerreiro. Desligo as máquinas e ligo para o Rex. Providenciamos um



funeral com toda honra que Diamond merece.

E agora? Tenho minha vida de volta, graças à morte dele, infelizmente. Ele deu a vida dele por mim, e eu não vou deixar que seja em vão.

Vou me manter forte, cuidar destas duas pessoas que Diamond me deixou. Sua herança além das lembranças do único amigo de verdade que tive.

Sei que vou continuar nessa profissão, não sei fazer outra coisa. Mas tomarei mais cuidado, tenho uma esposa e uma filha me esperando em casa.

Por isso resolvi escrever tudo isso. Quando comecei, não sabia bem porque, mas agora é óbvio, o passado não é tão desinteressante, e o presente mostra um futuro promissor.

FIM



SOBRE A BANDA

Formada em 1981 por Dimebag Darrell, Vinnie Paul, Rex Brown e Terry Glaze, o Pantera foi uma das mais populares bandas de *groove metal* da história. Três álbuns bastaram para que Glaze, o então vocalista, fosse quicado para a entrada de Phil Anselmo. Mas foi somente com *Cowboys from Hell*, de 1990, o quinto disco, que a banda texana começou a ser notada. O álbum de maior sucesso viria a seguir: *Vulgar Display of Power*, de 1992. Ali, os vocais em falsete foram substituídos por vocais gritados e um som de guitarra muito mais pesado. A popularidade deste álbum pode ser vista no sucesso instantâneo do álbum seguinte, *Far Beyond Driven*, de 1994, que estreou no topo da parada americana. Em 2001, a banda se dissolveu pelas brigas entre Anselmo e os demais integrantes. Em 2004, um fãtico do Pantera chamado Nathan Gale matou Dimebag Darrell a tiros na casa de espetáculos Alrosa Villa, em Columbus, Ohio, quando o Damageplan, sua nova banda, entrou no palco.

CRÉDITOS ORIGINAIS

VULGAR DISPLAY OF POWER - PANTERA

Design por Larry Freemantle

Fotografia por Brad Guice

Direção de arte por Bob Defrin

Lançado em 25 de Fevereiro de 1992

Selo: Virgin Records

Produzido por Terry Date

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.officialpantera.com

SOBRE O AUTOR

Carl Hetfield, *a.k.a* Carlos Carvalho, tem 21 anos e é estudante de administração de empresas e guitarrista sempre que possível. Já participou de algumas bandas tocando guitarra, teclado, baixo e cantando. Como escritor, não produziu muito além das aulas de redação no colégio e textos que não quis que ninguém lesse. Quando conheceu a Mojo, se identificou na hora, sentiu que poderia colocar um metal no tempero da coleção.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

49 VULGAR DISPLAY OF POWER

PANTERA

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. MOUTH FOR WAR
2. A NEW LEVEL
3. WALK
4. FUCKING HOSTILE
5. THIS LOVE
6. RISE
7. NO GOOD (ATTACK THE RADICAL)
8. LIVE IN A HOLE
9. REGULAR PEOPLE (CONCEIT)
10. BY DEMONS BE DRIVEN
11. HOLLOW

